

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

DIEGO DE MELLO PEREIRA

**A ATUAÇÃO DA ARTILHARIA BRASILEIRA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL,
O MATERIAL EMPREGADO E SUA EFICIÊNCIA.**

**Resende
2019**

DIEGO DE MELLO PEREIRA

**A ATUAÇÃO DA ARTILHARIA BRASILEIRA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL,
O MATERIAL EMPREGADO E SUA EFICIÊNCIA.**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Orientador(a): Luiz Emílio Da Cás

Resende

2019

DIEGO DE MELLO PEREIRA

**A ATUAÇÃO DA ARTILHARIA BRASILEIRA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL,
O MATERIAL EMPREGADO E SUA EFICIÊNCIA.**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em ____ de _____ de 2019:

Banca examinadora:

Luiz Emílio Da Cás, Coronel R1 de Artilharia
(Presidente/Orientador)

Carlos Victor Viana da Conceição, 1º Tenente de Artilharia

Gustavo Monteiro de Carvalho, 1º Tenente de Artilharia

Resende

2019

Dedico este trabalho a Deus que me capacitou e me sustentou em toda minha trajetória, a minha família que não mediu esforços para o que hoje eu chegasse até aqui, sempre me fazendo acreditar que era possível mesmo com as inúmeras dificuldades e a minha noiva, que sempre me auxiliou e lutou junto comigo para que pudéssemos conquistar todos os nossos sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me permitiu estar hoje em uma das instituições de ensino militar que é referência no mundo. A minha família que nunca mediu esforços em sempre me ajudar me apoiar e me entender nos momentos mais complicados dentro da AMAN. A minha mãe que é uma verdadeira guerreira que sempre me apoiou em todas as minhas escolhas e é a minha base. A minha noiva que lutou todas as batalhas que a formação nos impõe e me deu todo o suporte e incentivo que uma verdadeira companheira poderia proporcionar e hoje estamos cada vez mais perto de nos tornarmos um.

RESUMO

A ARTILHARIA BRASILEIRA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, O MATERIAL EMPREGADO E SUA EFICIÊNCIA.

AUTOR: Diego de Mello Pereira

ORIENTADOR(A): Luís Emílio Da Cás

Com o fim da Primeira Guerra Mundial foi assinado o Tratado de Versalhes, este, acompanhado do advento do fascismo e do nazismo foram um dos responsáveis pela deflagração da Segunda Grande Guerra.

O Brasil, por sua vez, diferentemente de sua participação na Primeira Guerra Mundial onde se caracterizou, principalmente, pelo apoio logístico, já se posicionou de uma forma mais agressiva contra os inimigos do Eixo, deslocando inclusive tropas para o teatro de operações da Itália.

Tal mobilização contudo, não foi uma tarefa fácil para um país, até então, pacífico e predominantemente agrário. Viu-se a necessidade de uma reformulação na doutrina e nos materiais utilizados, visto que estavam defasados e eram de origem de uma derrotada França.

O Exército Brasileiro buscou reformular sua doutrina e seus materiais, baseado no exército dos Estados Unidos da América seu principal aliado e, futuramente, combateria em conjunto as forças do Eixo.

Este trabalho tem como tema base a atuação da Artilharia Brasileira na Segunda Guerra Mundial buscando analisar os desafios enfrentados pela Força Expedicionária Brasileira em sua preparação, o material empregado na Itália e a eficiência de seus fogos no combate as forças do Eixo. Para discorrer sobre o tema foram retratados os históricos dessa campanha, a intervenção brasileira no campo de batalha, a influência da guerra na doutrina da Artilharia do Exército Brasileiro e a necessidade de modernização de seus materiais. Os estudos se baseiam na maneira como a Artilharia do Brasil se preparou para o combate desde as mudanças no emprego de novos materiais como na implementação de uma nova doutrina e os legados deixados para o Exército Brasileiro.

Palavras Chave: Artilharia. Exército Brasileiro. Segunda Guerra Mundial.

A ARTILHARIA BRASILEIRA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, O MATERIAL EMPREGADO E SUA EFICIÊNCIA.

AUTOR: Diego de Mello Pereira

ORIENTADOR(A): EMILIO LUÍS DA CÁS

ABSTRACT

ORIENTADOR(A): Emílio Luís Da Cás With the end of the first world war was signed the Treaty of Versailles, this, accompanied by the advent of fascism and Nazism were responsible for the outbreak of the second great war.

Brazil, on the other hand, unlike its participation in the first world war where it was mainly characterized by logistical support, has already positioned itself in a more aggressive way against the enemies of the Axis, displacing even troops to the theater of operations of Italy.

Such mobilization, however, was no easy task for a country, hitherto peaceful and predominantly agrarian. There was a need for a reformulation of the doctrine and materials used, since they were out of date and were the origin of a defeated France.

The Brazilian Army sought to reformulate its doctrine and its materials, based on the United States Army its main ally where, in the future, it would fight together the forces of the Axis.

This work is based on the work of Brazilian Artillery in World War II, trying to analyze the challenges faced by the Brazilian Expeditionary Force in its preparation for World War II, the material used in Italy and the efficiency of its fires in combating Axis forces . The history of this campaign, the Brazilian intervention on the battlefield, the influence of war on the doctrine of the Artillery of the Brazilian Army and the need for modernization of its materials were presented to discuss the theme. The studies are based on the way Brazilian artillery has been prepared for combat since the changes in the use of new materials as in the implementation of a new doctrine and the legacies left for the Brazilian Army.

Keywords: Artillery. Brazilian army. Second World War.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---------------|----|
| Figura 1..... | 16 |
| Figura 2..... | 17 |
| Figura 3..... | 18 |
| Figura 4..... | 19 |
| Figura 5..... | 21 |
| Figura 6..... | 22 |
| Figura 7..... | 24 |
| Figura 8..... | 25 |
| Figura 9..... | 28 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-------|---|
| AMAN | Academia Militar das Agulhas Negras |
| URSS | União das Repúblicas Socialistas Soviéticas |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| EUA | Estados Unidos da América |
| FEB | Força Expedicionária Brasileira |
| CPOR | Centro de Preparação de Oficiais da Reserva |
| NPOR | Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva |
| SP | São Paulo |
| A.D. | Artilharia Divisionária |
| 1ª GM | Primeira Guerra Mundial |
| 2ª GM | Segunda Guerra Mundial |
| DF | Distrito Federal |
| Cr\$ | Cruzeiro |
| TCC | Trabalho de Conclusão de Curso |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 1.1 OBJETIVOS..... | 10 |
| 1.1.1 Objetivo geral..... | 10 |
| 1.1.2 Objetivos específicos..... | 11 |
| 2. REFERÊNCIAL TEÓRICO..... | 11 |
| 2.1 A ARTILHARIA BRASILEIRA..... | 11 |
| 2.2 OS ANTECEDENTES DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL..... | 13 |
| 2.3 A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL..... | 14 |
| 2.3.1 O Brasil na segunda guerra mundial..... | 19 |
| 2.3.2 A Evolução da doutrina brasileira..... | 23 |
| 2.3.3 A Artilharia brasileira na segunda guerra mundial..... | 24 |
| 2.3.4 O material empregado..... | 26 |
| 2.3.5 A eficiência de seus fogos..... | 27 |
| 2.4 CONSEQUÊNCIAS PARA A SOCIEDADE E PARA OS MILITARES..... | 29 |
| 2.4.1 Consequências políticas..... | 29 |
| 2.4.2 Consequências econômicas..... | 30 |
| 2.4.3 Consequências militares..... | 30 |
| 3. REFERENCIAL METODOLÓGICO..... | 32 |
| 3.1. TIPO DE PESQUISA..... | 32 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 32 |
| REFERÊNCIAS..... | 32 |

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa a ser realizada tratará do tema “A atuação da artilharia brasileira na Segunda Guerra mundial, o material empregado e sua eficiência”.

Na 2ª Guerra Mundial, o Brasil foi atingido pela violência bélica dos submarinos nazifascistas. Nossa participação no conflito bélico iniciou-se na tomada, pelo Governo brasileiro, de medidas no campo diplomático. Nessa oportunidade, cumprindo o acordo firmado com as nações do Continente, o Brasil rompeu relações diplomáticas com as potências do Eixo: Alemanha, Itália e Japão.

Com o avanço e rápido desenvolvimento da Aviação, entre as duas guerras mundiais, a importância da Artilharia nas operações terrestres parecia ter decrescido.

O aperfeiçoamento da Artilharia, entretanto, não parou e caminhou paralelamente ao da Aviação, tanto no que se refere a poder de fogo quanto a munição. Conforme a afirmação de Alves (1959):

Um dos pontos altos da atuação da Força Expedicionária Brasileira no Teatro de operações da Itália, foi, sem dúvida a sua Artilharia. Aguerriada, precisa e oportuna foi lisonjeada pela confiança irrestrita de nossos aliados que, por mais de uma vez tiveram a oportunidade de manifestá-la de público, e considerada pelo inimigo como culpada de inúmeros de seus fracassos. (ALVES, 1959, p.401).

Essa atuação é relevante para o cenário histórico nacional, sendo assim fundamental e relevante para que o militar conheça a atuação da Artilharia brasileira e como a mesma se deu no âmbito da eficiência, precisão e material empregado durante a segunda grande guerra. Em função disso, a importância deste tema para o Exército Brasileiro e o legado deixado pelos “pracinhas” a todos os futuros integrantes da arma dos fogos largos, densos e profundos.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

O objetivo geral desse projeto será analisar como foi empregada a artilharia brasileira na segunda guerra mundial.

1.1.2 Objetivos específicos

Serão observados os seguintes objetivos específicos: contextualizar a segunda guerra mundial; estudar os motivos que levaram o Brasil a declarar guerra ao Eixo; analisar como foi o emprego da artilharia brasileira; verificar o preparo e o treinamento dos militares que participaram destas operações; verificar o grau de sucesso da campanha e mensurar o desenvolvimento herdado no pós-guerra.

2. REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 A ARTILHARIA BRASILEIRA

Com o Brasil sendo elevado a categoria de Reino e a presença da Família Real refugiada, termina o período do então Exército Colonial e começa a história do Exército Brasileiro.

Ainda com a derrota que o fizera abandonar a metrópole presente em sua memória, D. João VI se preocupou com os problemas de defesa do território brasileiro e, em 1809 procura empreender diversas reformas e volta sua atenção para o desenvolvimento da Artilharia, organizando um corpo de Artilharia a cavalo e um Corpo de Artífices no Arsenal do Rio.

Depois de fundar a Real Academia Militar e a Fábrica de Armamento na Fortaleza de Santa Cruz, D. João cria, em 1815, a Artilharia do Maranhão.

D. Pedro, ao proclamar a independência do Brasil, julga necessário reajustar as Forças Armadas e manda organizar um Batalhão de Henriques da Corte e um Corpo de Artilharia.

Após a abdicação de D. Pedro I, a Regência foi obrigada a reorganizar o Exército, visto que, vários corpos, como a Imperial Guarda de Honra, seriam extintos. Assim, são conservados cinco Corpos de Artilharia de Posição, com 492 homens cada um, e um de Artilharia a Cavalo, com 354. Em 1836, buscando combater os revoltosos farroupilhas, os Corpos foram concentrados no Rio Grande do Sul.

Nos primeiros anos do Segundo Império, a maioria dos Corpos ainda estavam localizados no Rio Grande do Sul. Atendendo a uma necessidade política de aumentar as guarnições de São Paulo e Rio de Janeiro, foi realizada uma reorganização. A respeito da Artilharia, ficaram constituídos quatro batalhões de Artilharia a pé, a oito companhias, com 690 homens cada, transformou-se o 5º Corpo de Artilharia a pé em 2º Corpo de fuzileiros.

Declarada a guerra contra Solano Lopez, o Governo Imperial aumentou o Exército, abolindo os Corpos Fixos, cujos efetivos foram incorporados à tropa de linha.

O 1º de Artilharia a cavalo, cognominado "Boi de Botas", velha tropa gaúcha experimentada em muitas campanhas, teve a secundá-lo um corpo provisório da mesma arma, o 2º. Aumentou-se a Artilharia a pé de um Batalhão, o 5º. Quando começou a guerra, o 1º estava no sul e o 2º em Corumbá; o 3º e o 4º seguiram para o Teatro de Operações em 1865. (ALVES, 1959, p. 265).

Terminada a campanha, o Exército manteve sua organização anterior até 1874.

Nesse ano, toda a Artilharia foi reorganizada, passando a contar com as seguintes unidades: 1º Regimento de Artilharia a cavalo, no Sul; 2º Regimento de Artilharia a cavalo, formado com os remanescentes do 1º de Artilharia a pé, na Corte; 3º, constituído pelo 4º a pé, no Paraná e São Paulo. A Artilharia a pé ficou reduzida a 4 Batalhões, sendo o 4º formado pelo antigo 5º. (ALVES, 1959, p.265)

Com a proclamação da República, os quadros do Exército foram novamente alterados e a Artilharia, por sua vez, passou a receber mais um Regimento a cavalo, o 5º no Rio de Janeiro e um de Artilharia a pé, o 5º na Bahia, com uma companhia destacada em Pernambuco. Em 1893, com a Revolução da Armada, criou-se mais um Regimento de Artilharia de Campanha e um Batalhão de Artilharia a pé, organização esta que durou até o ano de 1908.

O decreto nº 6971 de 1908 trouxe consigo algumas alterações, dentre elas a extinção dos exíguos batalhões e os Corpos Especiais, que datavam de 1823, e restabeleceu as Grandes Unidades. Com essa reforma, passou-se a ter cinco Regimentos de Artilharia Montada, de três grupos a três baterias cada um; cinco Baterias de Obuseiros a quatro peças; três Grupos de Artilharia a cavalo, a três baterias; dois Grupos de Artilharia Montada a três baterias; três Batalhões de Artilharia de Posição a seis baterias; seis a duas baterias; seis independentes; cinco Parques e dezoito colunas de munição.

A Primeira Guerra Mundial, como já era de se esperar, provocou uma nova reforma, descrita no decreto nº12739 de 1917. A Artilharia ficou com dez Regimentos Montados, dois Grupos a três baterias; com três Grupos a cavalo, a duas baterias; cinco Grupos de Obuses e dois de Montanha, também a duas Baterias. Os Batalhões de Artilharia de Posição passaram a constituir cinco Distritos de Artilharia de Costa.

Com o advento de mais um decreto, o de 31 de dezembro de 1921, a Artilharia foi novamente a arma mais atingida. Por ela, diversos Regimentos e Grupos foram realocados e foram criados oito Regimentos de Artilharia Pesada e um Regimento de Artilharia Mista. A Artilharia de Costa não foi modificada.

Já ao que se refere ao armamento da Artilharia Brasileira, após a Guerra do Paraguai, acompanhando o progresso inerente da arma, foram adotados canhões La Hitte, Paixhans e Withworth, de calibres de 90 a 130 mm, já raiados, mas ainda com a antecarga.

Com a República, o material veio a ser reformado e os canhões das fábricas Creusot e Krupp melhoraram, significativamente, os parques.

O período que vai de 1855 a 1915 foi, sem dúvida, o período que dotou a Artilharia das características principais que até os nossos dias a Arma vem mantendo. A principal marca deste período é o extraordinário desenvolvimento de estudos e de experiências que determinaram um significativo impulso às artes militares.

2.2 OS ANTECEDENTES DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

As duas grandes guerras mundiais do século XX, foram os conflitos mais impactantes em toda a humanidade. Representaram, pela primeira vez, um grande número de países envolvidos e as maiores alterações nos limites geográficos, além de um aumento significativo no número de mortes no campo de batalha, ocasionados pelos avanços das tecnologias bélicas.

Outro motivo, porém, era a nova impessoalidade da guerra, que tornava o matar e estropiar uma consequência remota de apertar um botão ou virar uma alavanca. A tecnologia tornava suas vítimas invisíveis, como não podiam fazer as pessoas evisceradas por baionetas ou vistas pelas miras de armas de fogo. (HOBSBAWM, 2001, p. 57).

Dessa maneira, a guerra sofreu uma significativa alteração em decorrência dos avanços tecnológicos, que foi a criação das trincheiras. Soldados ficavam dias dentro de trincheiras, equipados de granadas e armas, o que os tornava capazes de matar sem a necessidade de saírem de suas posições entrincheirados.

Assim, as grandes guerras mundiais ficaram marcadas por estes aspectos, especificamente a Primeira, ocorrida entre os anos de 1914 a 1918, que teve como consequência o Tratado de Versalhes, onde “as potências vitoriosas buscaram desesperadamente o tipo de acordo de paz que tornasse impossível outra guerra como a que acabara de devastar o mundo e que cujos os efeitos retardados estavam em toda parte.”(HOBSBAWM, 2001, p. 39). Com o Tratado, a Alemanha, por ser considerada a única responsável pela Primeira Guerra Mundial teve como consequência, a condenação de pagar uma alta indenização, e ainda, ter seu território e suas forças armadas reduzidas.

Após o término da Primeira Guerra Mundial, a Europa passou a viver um período de paz, porém com uma certa fragilidade pois a resolução da guerra já se apresentava como insustentável. Nem mesmo os tratados assinados com o término foram capazes de resolver os problemas deixados pela guerra, ao contrário, serviram para agravar, ainda mais, a situação do pós-guerra, assim era o caso do Tratado de Versalhes.

O grande descontentamento dos germânicos com o Tratado de Versalhes foi o principal responsável pela Segunda Guerra Mundial, a qual ocorreria vinte anos depois, “a Segunda Guerra Mundial nasceu das vitórias na primeira, e da forma pela qual foram usadas.” (TAYLOR, 1979, p.40).

2.3 A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Com a crise econômica na década de 1920 e o inevitável aumento do desemprego, a situação se tornou ainda mais delicada.

A queda da bolsa de valores de Nova York afetou os setores da economia norte-americana e de vários outros países. Bancos e empresas decretaram falência e geraram como consequência uma enorme taxa de desemprego, o que significou, o choque do capitalismo. “Daí em diante, uma nova guerra mundial era não apenas previsível, mas rotineiramente prevista. Os que atingiram a idade adulta na década de 1930 a esperavam.”(HOBSBAWM, 2001, p. 43).

Talvez a guerra seguinte pudesse ter sido evitada ou, pelo menos, adiada, se houvesse sido restaurada a economia pré-guerra como um sistema global de próspero crescimento e expansão econômica. Contudo, após uns poucos anos, em meados da década de 1920, nos quais se pareceu ter deixado para trás a guerra e a perturbação pós-guerra, a economia mundial mergulhou na maior e mais dramática crise que conheceu desde a Revolução Industrial. (HOBSBAWM, 2001, p.43).

Figura 1 – Mussolini discursando.

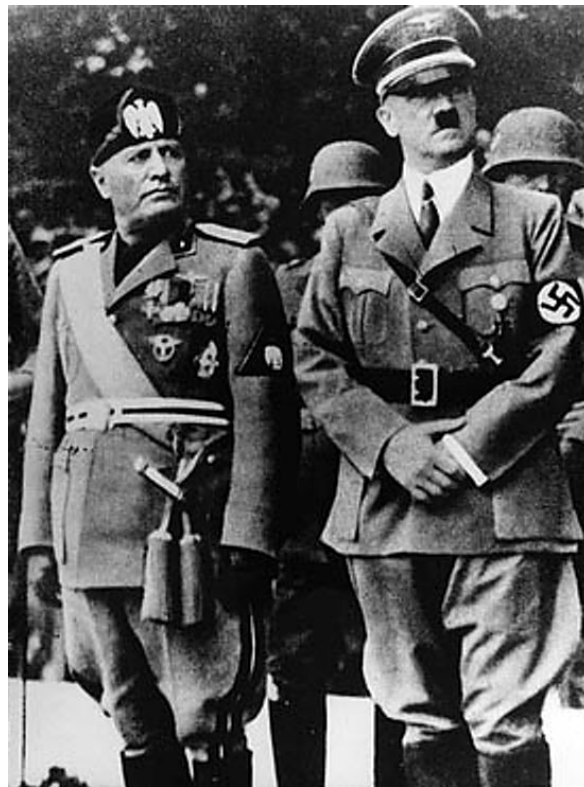


Fonte: Site Noronha Advogados

Em meio a crise do sistema liberal e do capitalismo, surgiu o fascismo, se apresentando como um modelo alternativo. Criado por Benito Mussolini em 1922 na Itália, teve papel crucial no contexto dos anos que antecederam a Segunda Guerra Mundial. Desde seu surgimento, o fascismo contou com a simpatia de milhares por toda Europa, principalmente nos países que demonstravam um “nacionalismo ferido”, uma insatisfação.

[...] nacionalismo ferido, vencido ou inquieto, conforme as circunstâncias, contra a humilhação da derrota ou, entre os vencedores, contra o desperdício da vitória e os governos que lhe dilapidam os resultados, ou ainda contra as ameaças que pesam sobre a segurança ou integridade nacionais. Ai está a razão porque o fascismo encontrou seu meio de eleição no país vencido: na Alemanha [...]. É a lenda da punhalada pelas costas: o exército alemão não foi vencido, foi traído em casa; a cumplicidade dos socialistas, dos comunistas e dos judeus com os aliados do Oeste desarmou a Alemanha. Nacionalistas vigilantes, constantes atentos, os fascistas caracterizam-se por uma reação de inquietude permanente, e a palavra de ordem, “Alemanha, desperta!”, é retomada como eco em outros países. (RÉMOND, 1974, p.94).

Figura 2 – Hitler e Mussolini



Fonte: Site da Noronha Advogados.

O auge do fascismo na Europa se caracterizou em janeiro de 1933, onde Hitler foi nomeado chanceler pelo presidente Hindenburg.

Intimamente envolvido com a Primeira Guerra Mundial, onde atuou no front de batalha e, posteriormente, protagonista da segunda guerra mundial, Hitler se apresentava como um excelente orador, defensor de uma Alemanha forte e crítico do Tratado de Versalhes. A nomeação de Hitler, porém, era um ato estritamente democrático, jamais imaginou-se que ele tomaria o poder e faria grandes transformações na história.

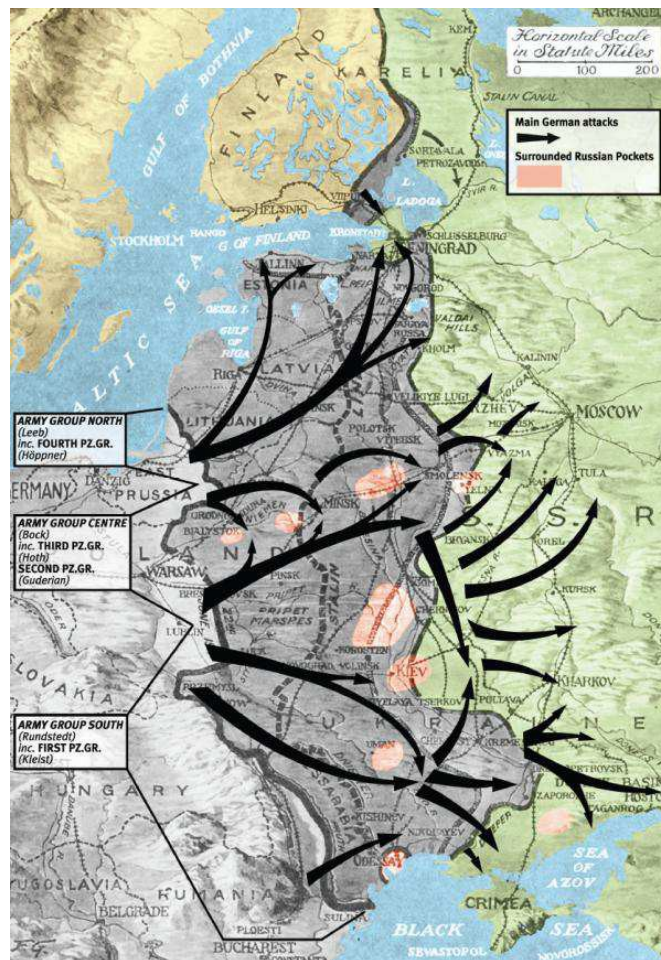
Não se esperava que fizesse modificações revolucionárias nos assuntos internos ou externos. Pelo contrário, os políticos conservadores liderados por Papen, que os recomendaram a Hindenburg, reservaram para si os postos-chave e esperavam que Hitler fosse apenas um chefe nominal. Essa esperança foi ilusória. Hitler rompeu os laços artificiais que deviam prendê-lo e aos poucos se tornou um ditador todo poderoso – embora mais lentamente do que reza a lenda. Modificou a maioria das coisas na Alemanha. Destruiu a liberdade política e o império da lei; transformou a economia e as finanças alemãs; desafiou igrejas; aboliu os Estados separados e fez da Alemanha, pela primeira vez, um país unido. Numa única esfera não realizou modificações. Sua política externa foi a de seus predecessores e, realmente, a de quase todos os alemães. Também Hitler queria libertar a Alemanha das restrições do tratado de paz, restaurar um grande exército alemão e fazer da Alemanha a maior potência da Europa, com suas condições naturais. (TAYLOR, 1979, p.87).

A forte e surpresa ofensiva do exército alemão contra a Polônia, esmagando totalmente o seu exército, representou o estopim para o início da Segunda Guerra Mundial. Varsóvia havia sido totalmente ocupada pelos nazistas num período de um mês. Um novo jeito de fazer guerra, a Blitzkrieg (guerra-relâmpago), se apresentou como um sucesso.

Embora tenham declarado guerra à Alemanha, os Aliados permaneciam imóveis. Hitler e seu exército chegaram praticamente sem resistência Aliada em Paris. “Só restou em guerra com a Alemanha a Grã-Bretanha, sob uma colisão de todas as forças nacionais, chefiada por Winston Churchill e baseada na total recusa a qualquer tipo de acordo com Hitler.”(HOBSBAWM, 2001, p.46).

O destino da guerra, no entanto, começou a mudar quando a Alemanha invadiu a URSS em junho de 1941. Stálin, muito provavelmente, já havia sido alertado pelo serviço de espionagem soviético, contudo, resolveu acreditar no pacto que havia firmado com os alemães, não acreditando na invasão.

Figura 3: Invasão alemã à URSS.



Fonte: Site da Noronha Advogados

Devido a tal invasão, a URSS decidiu entrar na guerra ao lado dos Aliados e teve importante participação na vitória que estava por vir. “Uma vez que a guerra russa não se decidira em três semanas, como Hitler esperava, a Alemanha estava perdida, pois não estava equipada nem podia aguentar uma guerra longa.”(HOBSBAWM, 2001, p.47).

Quando o Japão decidiu atacar a frota americana do Pacífico em Pearl Harbor, no Havaí, a guerra, finalmente, passaria a ser mundial. Embora o desejo do presidente Roosevelt já fosse o de entrar no conflito, com o ataque a Pearl Harbor não houve mais nenhuma oposição.

Figura 4: Ancoragem em Pearl Harbor



Fonte: Site da Noronha Advogados.

O ano de 1942 ficou marcado como o auge da conquista pelos países do Eixo. A Alemanha conquistou algumas importantes cidades da URSS nesse período, mas foi enfim detida em Stalingrado. Desde então foram recuando à medida que as tropas soviéticas avançavam e conquistavam seus territórios, que, futuramente, resultaria na tomada de Berlim. “De Stalingrado em diante, todo mundo sabia que a derrota da Alemanha era só uma questão

de tempo.”(HOBSBAWM, 2001, p.47). Na África, os alemães foram expulsos pelos britânicos; e na Ásia, os chineses resistiam aos japoneses, enquanto os americanos conquistavam diversas ilhas no Pacífico.

A Alemanha, em uma última tentativa, realizou um ataque contra a União Soviética, mas teve suas tropas dizimadas pelo Exército Vermelho, episódio conhecido como a Batalha de Kursk, uma das mais gigantesca e bem equipada batalha da Segunda Guerra Mundial. Outro decisivo passo Aliado ficou conhecido como Dia D. Ocorrido no dia 6 de junho de 1944, as forças aliadas reuniram um exército com mais de cento e cinquenta mil soldados americanos, ingleses e canadenses, com o intuito de invadir a Normandia, na França. Em 25 de agosto com a ajuda do general De Gaulle e das tropas francesas, os Aliados conseguiram libertar Paris.

Em 1945 aconteceu o encontro de Churchill, Roosevelt e Stálin em Ialta, na Ucrânia. O intuito era resolver como ficaria a Europa no pós-guerra. Discutiu-se também, a criação da ONU.

A guerra na Europa teve fim com a invasão soviética em Berlim, no dia 7 de maio de 1945, com milhares de civis e militares massacrados e a cidade destruída. Não havendo mais chances, Hitler se suicidou. O primeiro país a cair, contudo, foi a Itália, que em 1943 foi invadida pelos aliados. No mesmo ano, Mussolini foi destituído do poder, e em 28 de abril de 1945, foi fuzilado por guerrilheiros italianos.

Na Ásia, por sua vez, a guerra terminou com o bombardeio atômico em Hiroshima em 6 de agosto e em Nagasaki, no dia 9, causando mais de 300 mil mortes instantaneamente, e um número indeterminado de vítimas devido à contaminação radioativa. O Japão se rendeu em 15 de agosto de 1945. Chegara o fim da Segunda Guerra Mundial. “A vitória em 1945 foi total, a rendição incondicional. Os Estados inimigos derrotados foram totalmente ocupados pelos vencedores.” (HOBSBAWM, 2001, p.49).

Como herança, a Segunda Guerra Mundial só deixou um futuro cheio de traumas, estes refletidos na vasta destruição e na certeza de uma reconstrução lenta e trabalhosa. “A tarefa de reconstrução surge, portanto, em 1945, muito mais vasta e muito mais difícil do que um quarto de século antes.” (RÉMOND, 1974, p. 130).

Com o término da guerra, o regime democrático que antes havia entrado em crise, volta a se estabelecer nas instituições internacionais.

2.3.1 O Brasil na segunda guerra mundial

O Brasil, no contexto da segunda guerra mundial, teve uma participação ativa. Ao ser comparada com a participação de outros países como EUA e Reino Unido, a participação brasileira pode ser considerada relativamente modesta, contudo, sua participação não deixou de ser significativa.

O Brasil da década de 1940 enfrentava diversas dificuldades econômicas e sociais como a maioria da população pobre, analfabetismo crônico, até mesmo falta de saneamento básico. Para um país como esse, o envolvimento em uma guerra nas proporções épicas como a Segunda Guerra Mundial era inviável e improvável.

A entrada do Brasil na guerra foi de maneira semelhante a entrada do EUA, embora em uma escala menor. Tanto o Brasil quanto os EUA já estavam envolvidos com o teatro de operações, devido aos seus interesses comerciais.

Figura 5: Navios brasileiros naufragados



Fonte: Site seguindo passos história

O ataque a Pearl Harbor, base naval americana no Havaí, assim como o ataque e afundamento de cinco navios da Marinha Mercante brasileira, gerou uma grande comoção nacional e desencadeou, inevitavelmente na entrada, efetiva, de ambos os países na guerra.

A indefinição foi superada quando, entre 5 e 7 de agostos de 1942, cinco navios mercantes brasileiros foram afundados por submarinos alemães. Sob pressão de grandes manifestações populares, o Brasil entrou na guerra ainda naquele mês. O alinhamento brasileiro ao lado da frente antifacista se completou com o envio de uma força expedicionária – a FEB- para lutar na Europa, a partir de 30 de junho de 1944. (FAUSTO, Boris, História do Brasil – 12ª edição, p. 382).

Em novembro de 1943, foi criada a Força Expedicionária Brasileira. Soldados de diferentes partes do Brasil foram recrutados e formaram um corpo de, aproximadamente, 25 mil militares, comandados pelo então General Mascarenhas de Moraes. Com a necessidade de renovar as forças armadas brasileiras, Brasil e EUA trabalharam em conjunto, sendo assim, alguns oficiais brasileiros foram mandados para os EUA para realizarem cursos e estágios. Dessa forma, a antiga doutrina militar francesa (adotada pelo Exército Brasileiro) foi gradativamente substituída pela moderna doutrina norte-americana.

Figura 6: Manchete jornal O Globo



Fonte: Site da Noronha Advogados

Inicialmente, a FEB atuaria no norte da África, contudo foram enviados para os campos de batalha italiano. No final de novembro, foi recebida a missão de combater e conquistar a região de Monte Castelo, buscando romper a famigerada linha gótica. A campanha da Itália, por sua vez, se caracterizou, essencialmente, pelos combates em colinas e montanhas.

Para que os aliados pudessem atingir e conquistar a região de Bolonha era preciso romper a Linha Gótica, complexo defensivo alemão nos montes Apeninos. Se tivessem êxito, os aliados teriam acesso a uma importante estrada, a Rota 64.

Devido a pouca experiência em batalhas em regiões montanhosas e pouca habilidade alpinista, a tomada de Monte Castelo não foi fácil. As primeiras tentativas em 24, 25 e 26 de novembro de 1944 não obtiveram sucesso e uma quarta tentativa também fracassou. A chegada do rigoroso inverno Europeu tornou ainda mais desfavorável as condições brasileiras.

Como os alemães possuíam uma posição privilegiada em relação as tropas brasileiras, buscando atrapalhar a visão dos atiradores alemães, que se encontravam na crista militar, os brasileiros utilizaram uma tática de queimar óleo diesel, o que criava uma nuvem de fumaça escura.

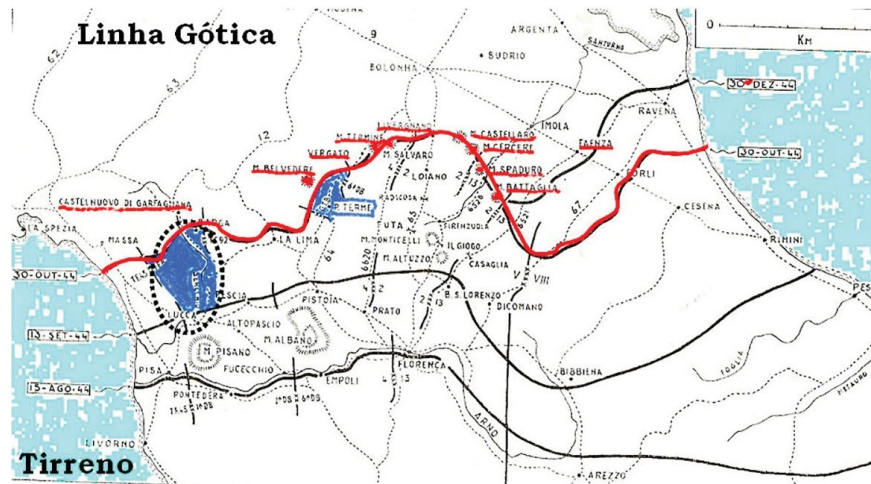
A Artilharia, comandada pelo General Cordeiro de Farias, e a aviação proveram apoio àquela que seria a batalha mais feroz que a FEB enfrentaria na Itália, sendo a responsável por mais da metade das baixas fatais da campanha brasileira.

Somente em fevereiro de 1945, com o fim do inverno, tropas brasileiras e americanas conseguiram, enfim, conquistar Monte Castelo.

A FEB começou então uma perseguição aos alemães. Em Montese seria travada a batalha mais sangrenta enfrentada pelos brasileiros Itália. Montese foi conquistada na manhã de 15 de abril. A vitória, contudo, custou as fileiras brasileiras cerca de mais de quatrocentas baixas. Mais uma conquista veio no dia 21 de abril com a conquista de Zocca.

No dia 29 de abril ocorreria a inesperada rendição da 148ª Divisão Alemã, o que significava a prisão de mais de quinze mil soldados alemães, dentre eles 2 generais. A partir desse momento, a FEB se consagrava como uma força de ocupação militar.

Figura 7: Linha gótica



Fonte: Site do Exército Brasileiro

Em 2 de Maio, o general Mark Clark declarava o encerramento da campanha dos Aliados na Itália e para os brasileiros, a guerra terminava naquele momento.

2.3.2 A Evolução da doutrina brasileira

O Brasil, país caracterizado por ter uma formação e orientação política eminentemente pacífica, naturalmente tinham sua Forças Armadas desaparelhadas frente a uma guerra moderna e estranha ao seu povo.

Apesar da guerra na Europa e das ameaças que rondavam as fronteiras, o Brasil vivia mais voltado para a paz do que para a guerra.

Nessa época, o Exército Brasileiro, apenas tinha, de um efetivo de aproximadamente 60.000 homens, espalhados pelo território nacional. Os grupamentos que possuíam os maiores efetivos encontravam-se nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul.

Sua organização, instrução e doutrina de emprego obedeciam aos regulamentos franceses que, através da Missão Militar Francesa que veio ao Brasil ao término da 1ª Guerra Mundial, introduziram suas ideias nas escolas de formação, especialização e aperfeiçoamento de oficiais e de Estado-Maior.

Os armamentos e equipamentos eram, na sua maioria, de origem estrangeira, antiquados e em número insuficiente para atender as exigências da guerra.

Através da Lei de Empréstimos e Arrendamentos, o governo norte-americano procurou ajudar todos os países que desejassem participar da cruzada contra os países do

Eixo, o Brasil conseguiu adquirir grande parte dos equipamentos e das munições, principalmente para a defesa do litoral e do tráfego marítimo.

O Exército recebeu os seguintes equipamentos:
 Parte de uma Divisão Blindada e de uma Divisão Motorizada.
 Elementos de dois Regimentos de Artilharia Antiaérea.
 Quatro Batalhões Anticarro.
 Cerca de 150 peças de Artilharia de Costa, variando de 152 a 305mm de calibre.
 Equipamentos de construção de estradas.
 50% de uma Divisão de Infantaria. (BRANCO, 1960, p.79).

Para o preenchimento dos claros de oficiais, decorrentes da súbita necessidade de elevação dos efetivos próximos a 180.000 homens, o recurso foi promover oficiais aos postos seguintes, completando os claros abertos nos escalões inferiores com a formação na, até então, Escola Militar de Realengo, mais tarde transferida para a cidade de Resende com o nome de Academia Militar das Agulhas Negras e nos CPOR e NPOR.

Junto ao problema evidente da mobilização de tropas, surgiu o da instrução, agravado pelas novas características que apresentava os recentes adquiridos materiais. Solucionado de maneira semelhante pelas três forças.

O Exército, assim como a Marinha e a Aeronáutica, enviou aos Estados Unidos da América grupos de oficiais e praças com a finalidade de se adaptarem aos novos materiais e aos seus respectivos processos de emprego, assim como tiveram instrução com equipes dos EUA que vieram ao Brasil, essas compostas por veteranos de guerra.

Figura 8: Orçamento das Forças Armadas

| <i>Anos</i> | <i>Verbas orçamentárias Cr\$</i> | <i>Créditos suplementares Cr\$</i> | <i>Total Cr\$</i> |
|--------------|--|--|--------------------------|
| 1942 | 1 488 199 527,00 | 592 300 996,00 | 2 080 500 523,00 |
| 1943 | 1 800 868 236,00 | 1 236 896 799,00 | 3 037 765 035,00 |
| 1944 | 2 436 915 421,00 | 1 508 966 181,10 | 3 945 881 602,10 |
| 1945 | 2 813 940 643,00 | 784 785 863,30 | 3 598 726 511,30 |
| TOTAL | 8 539 923 827,00 | 4 122 949 844,40 | 12 662 873 671,40 |

Fonte: BRANCO (1960)

2.3.3 A Artilharia brasileira na segunda guerra mundial

A artilharia brasileira foi, considerada por muitos, um dos pontos altos da atuação da Força Expedicionária Brasileira, no teatro de operações da Itália. Antes da chegada da artilharia brasileira em Nápoles, já haviam boletins do alto-comando alemão advertindo a Frente Italiana da entrada em combate de uma forte artilharia, muito bem treinada.

O que se segue são expressões de oficiais alemães, aprisionados não só pela FEB, mas também por nossos aliados, constantes de relatórios vários. Os tiros precisos da Artilharia (brasileira) nos forçaram a abandonar as posições. Já estou na guerra a vários anos, mas coisa assim nunca vi nem ouvi. O principal motivo da minha rendição foi o intenso fogo dos canhões brasileiros que nos deixaram inteiramente atordoados. (ALVES, 1959, p. 403).

A primeira unidade da Artilharia brasileira a atravessar o oceano em direção a Itália foi o 2º Grupo do 1º Regimento de Obuses Auto Rebocado (Grupo do Campinho), que tinha como Comandante o Cel. Geraldo Da Camino. Junto ao 6º Regimento de Infantaria, de Caçapava-SP, constituía o Grupamento que, pela primeira vez, representou as armas brasileiras numa guerra mundial.

Com o desembarque em Nápoles na Itália no dia 17 de julho de 1944, a 1ª Bia, obedecendo ao comando do Cap. Mário Lobato Valle, lançou contra o inimigo o primeiro tiro fora do continente americano. Seus fogos foram cruciais para a conquista de Massarosa pelo 6º Regimento de Infantaria. Futuramente, atuaria nas operações em Camaiore, Monte Prano, Pescagli entre outros.

Além do Grupo do Campinho, o 1º Grupo do 2º Regimento de Obuses Auto Rebocado e o 1º Grupo de Artilharia Pesada Curta compunham a nossa A.D. sob o comando do Gen. Oswaldo Cordeiro de Farias.

Em 1º de outubro, a A.D. se destaca das operações do vale do Sercchio. De 11 de novembro a 16 de fevereiro, toma parte da manutenção da linha conquistada em uma defensiva ao longo do rio Reno, onde sob frio intenso, chuva, lama e neve, intervem no primeiro e segundo combates a Monte Castelo, na conquista de La Serra, na limpeza no Vale do Marano, na ocupação de Santa Maria Villiana e no combate e na conquista de Castelnuovo.

Obedecendo a uma imposição do IV Corpo de Exército, passou a ter suas dotações de munição muito majoradas, organizou e pôs em execução, um programa de intensificação de fogos diários de inquietação, aumentando sua intensidade nos cinco dias antes do início da Ofensiva da Primavera, buscando assim, “amolecer as posições inimigas”. Tal sistema tinha a

finalidade de, por um lado, trazer ao inimigo a incerteza do local e data do ataque e, de outro, persuadir o inimigo de que o ataque seria numa direção à frente da Divisão Brasileira.

Foram realizadas falsas preparações que tinham horário de duração variado e onde foram consumidos, em média, 2000 tiros de 105mm e 200 de 155mm. Foram realizadas na primeira parte da noite, na segunda, ao amanhecer e durante o dia.

Em 14 de abril tem início a ofensiva final que traria, finalmente, a vitória dos aliados, às 10 horas da manhã, o 11º RI ataca Montese. A artilharia, por sua vez, realizou o cerco a cidade através do intenso bombardeio. As tropas do Eixo revidam com fogos de artilharia e morteiro. O inimigo intensifica sua ação defensiva e a artilharia brasileira se destaca nos fogos de contra bateria e contra morteiro. Chega a noite e os alemães, ainda, estão dentro de Montese, contudo, nas primeiras horas do dia 15 de abril, a cidade já estava conquistada, se caracterizando assim como o mais sangrento combate em que a FEB se empenhou.

Em sua obra “A FEB pelo seu Comandante”, o Marechal Mascarenhas de Moraes transcreve elogios a artilharia brasileira:

Os Grupos de artilharia confirmaram, nos campos de batalha da Itália, os seus reais méritos como Unidades guerreiras e as esplêndidas qualidades do artilheiro brasileiro, dirigido por quadros capazes e um comando que soube elevar bem alto as nobres tradições da Artilharia de Mallet. (ALVES, 1959, p.410).

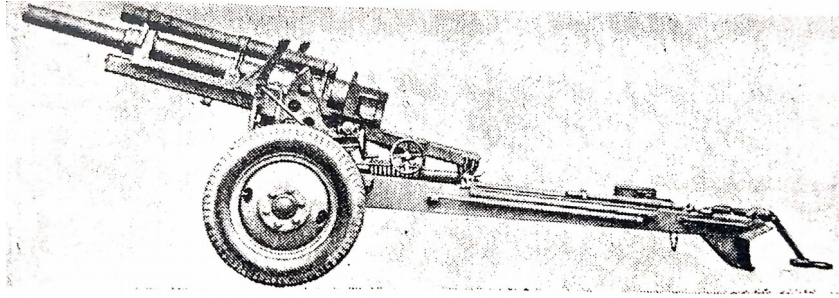
Com o término da guerra e o inimigo vencido, o General Cordeiro de Farias, preparou uma solenidade onde proferiu um discurso que comoveu os presentes e disparou suas peças pela última vez. Em um trecho de seu discurso, o General declara: “Nossos canhões silenciaram. Não há mais inimigo. A vitória, completa e espetacular foi conseguida. A Alemanha está vencida.”

2.3.4 O material empregado

Devido à necessidade de renovação de seu material e equipamento, o Exército Brasileiro realizou o seu reaparelhamento com materiais, em sua maioria, norte-americanos. Dessa forma, abordar sobre os materiais e equipamentos americanos significa analisar os materiais utilizados pela Artilharia da FEB.

Nos exércitos americano e brasileiro, os calibres para a Artilharia Divisionária eram o obuseiro 105mm e 155m.

Figura 9: Obus 105 mm americano



Fonte: ALVES, 1959, p. 329.

Vale ressaltar que nenhum beligerante buscou desenvolver canhões e obuseiros para tiro a grandes distâncias, como o canhão alemão que atirou sobre Paris na 1ª GM, mas buscou maior precisão e efeito do tiro, reduzindo a velocidade inicial e aumentando o tamanho e potência da carga de arrebentamento.

Durante a 1ª GM estiveram em uso os grandes alcances e grossos calibres. Já no contexto da 2ªGM a questão do calibre passou para segundo plano na AD; procurou-se apenas a facilidade de emprego e a rapidez de manobra. Os alcances dos canhões da AD eram suficientes para o cumprimento da missão. As unidades de artilharia tinham suas funções pré-definidas, a AD tinha a sua atividade voltada para os objetivos da frente e da retaguarda imediata; já os fogos de contrabateria era destinada a então Artilharia de Corpo de Exército.

A maior parte dos obuseiros utilizados pela FEB tinham alcance de utilização de 11.000 a 12.000 metros no caso do 105 mm e mais de 15.000 os de 155 mm.

Outra área da artilharia que teve um grande avanço na 2ªGM foi a antiaérea e anticarro, o que, por sua vez, muito influenciou sobre a artilharia de campanha. Devido ao avanço nas velocidades de tiro, adotou-se para as peças anticarro e antiaéreas culatras semiautomáticas, capazes de abrir e ejetar o estojo automaticamente, após o disparo.

Segundo Alves (1959), a 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação foi um dos fatores que a Artilharia brasileira teve atuação destacada no teatro de operações italiano. A Esquadrilha teve em suas fileiras 10 aviões de observação dos Grupos de Artilharia, era comandada pelo Major de aviação João Fabrício Belloc e tinha como pilotos oficiais da Força Aérea Brasileira. Segundo Branco (1960), a observação do tiro e as missões de reconhecimento ficaram, contudo, com os oficiais da AD.

2.3.5 A eficiência de seus fogos

Um dos pontos fortes da FEB nos campos de batalha da Itália foi, sem dúvida, sua Artilharia. Segundo Alves(1959), aguerrida, precisa e oportuna, a Artilharia brasileira foi lisonjeada pela confiança dos aliados que, por mais de uma vez a manifestaram de público e considerada pelo inimigo como culpada por inúmeros de seus fracassos.

Antes da chegada de tropas brasileiras a Itália, haviam boletins do alto-comando alemão que advertiam o Comando da Frente Italiana da entrada em combate de uma artilharia muito bem treinada. Segundo Alves (1959, p.403), o que se segue são expressões de oficiais alemães, aprisionados não só pela FEB, mas também por nossos aliados, constantes de relatórios vários “Os tiros precisos da artilharia (brasileira) nos forçaram a abandonar as posições”.

A primeira unidade da artilharia a atravessar o oceano e chegar nos terrenos da Itália foi o II Grupo do 1º Regimento de Obuses Autor-Rebocado, organizado e treinado no quartel de campinho, no DF, tendo como comandante o Coronel Geraldo da Camino.

Com a chegada do grosso da FEB, foi toda a artilharia divisionária reunida sob o comando do General Oswaldo Cordeiro de Farias.

Segundo Alves, no dia 1º de Outubro, a artilharia divisionária se destacou nas operações do vale do Sercchio, e assim foi se destacando em diversas outras operações como a defensiva ao longo do rio Reno sob frio intenso, chuva, lama e neve, nos ataques a Monte Castelo, na conquista de La Serra, na limpeza do Vale do Marano, na ocupação de Santa Maria e no combate e conquista de Castelnuovo.

A rendição da 148ª Divisão alemã foi outro capítulo importante para as tropas aliadas. Os alemães, atacados por todos os lados, procuraram fugir para a região norte, evitando assim, caírem prisioneiros dos “partisans” italianos, que tinham por hábito torturar seus inimigos antes de matá-los. Assim sendo, o 6º Regimento, apoiado pelo Grupo Souza Carvalho, obrigou os alemães a se renderem em Collechio.

Para os artilheiros foi um prazer saber que um dos primeiros pedidos dos oficiais tedescos era que os tiros de artilharia cessassem. Na manhã do dia 28 chegaram ao local do P.C. avançado o Comandante da Força Expedicionária Brasileira, os Generais Zenóbio e Falconieri, que vieram receber a rendição.

Às 17 horas começou o espetáculo que nunca mais sairá da memória dos que tiveram a felicidade de apreciá-lo: era a rendição da 148ª! (ALVES, 1959, p. 411)

Em uma proclamação durante a guerra, o Marechal Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB, se expressou da seguinte forma:

A nossa brava Artilharia, a qualquer hora do dia, ou da noite, está vigilante para cumprir seu dever. Palpita, em seus homens, o mesmo coração brasileiro dos irmãos de armas, os heróicos infantes; por isso, sabem compreender os seus anseios e, na lama ou na neve, no sol ou na chuva, em situações calmas ou ativas, estão sempre de olhos no telêmetro e mão no gatilho, atentos ao comando de “fogo”, para levar, com precisão e rapidez, a destruição e o terror às linhas alemãs, vingando as mortes que tão traiçoeiramente fizeram no litoral de nossas costas... e continua... (ALVES, 1959, p.410)

2.4 CONSEQUÊNCIAS PARA A SOCIEDADE E PARA OS MILITARES

2.4.1 Consequências políticas

Com o fim da guerra e a vitória dos aliados, a política interna brasileira sofreu, inevitavelmente alterações devido aos ideais que animavam os combatentes e a população.

Como sabemos, pois ainda é de ontem, o Governo brasileiro, havia perdido, parcialmente, as suas características democráticas após o Golpe-de-Estado de 10 de novembro de 1937, desferido com o apoio das Forças Armadas, tendo sido fechado, na ocasião, o Parlamento Federal bem como as Câmaras Legislativas estaduais e municipais. (BRANCO, 1960, p. 568).

Não havia como, após a guerra onde o Brasil combateu ditaduras europeias, continuarmos a trilhar os mesmos caminhos, com o mesmo tipo de governo, era necessário mudança.

Segundo Branco (1960), em 29 de outubro de 1945, um pronunciamento feito pelos militares forçou o então governo de Getúlio Vargas a depor o poder nas mãos do Presidente do Supremo Tribunal Federal, interrompendo-se assim, um governo que perdurava desde 1930.

A seguir, foram articulados as providências para que houvesse a convocação de uma Assembleia Constituinte e para a eleição presidencial, cujo o governante veio a ser o General Eurico Gaspar Dutra, então Ministro da Guerra.

Conforme Branco (1960), em 1951 reacendeu ao Governo o até então deposto Getúlio Vargas, desta vez amparado pelo liberalismo da nova constituição e apoiado no respeito que possuía. Os partidos da oposição, contudo, viram ressurgir assim uma oligarquia até então derrubada.

Pressões internas e a dificuldade em governar fizeram o presidente Getúlio Vargas encontrar como única solução para seus problemas o suicídio.

Incompreensões e desinteligências de toda sorte predominaram durante algum tempo, até culminarem com os tristes e lamentáveis acontecimentos da madrugada de 24 de agosto de 1954, que levaram o Presidente a apelar para o desesperado gesto do suicídio, cabendo ao Vice-Presidente substituí-lo, temporariamente, no Governo, até que, a 11 de novembro do mesmo ano, novo pronunciamento o afastou do poder, acirrando a opinião pública nacional. (BRANCO, 1960, p. 569).

De acordo com Branco (1960), novas eleições foram realizadas no dia 3 de outubro de 1955 e o país retornou aos quadros constitucionais.

2.4.2 Consequências econômicas

Antes do início da guerra, o Brasil se caracterizava como um país predominantemente dependente da exportação de produtos de baixo valor agregado.

Segundo Branco (1960), com o advento da guerra e a consequente procura, por parte dos países litigantes, da nossa produção, o comércio brasileiro não só se intensificou como também se diversificou, sem perder, toda via, a característica do período pré guerra mas crescendo de forma substancial o volume e o valor das exportações em relação a importação, criando assim um balanço comercial positivo.

De acordo com Branco (1960), p.569, “Ao término da guerra, os saldos existentes nos Estados Unidos atingiam à apreciável cifra de Cr\$ 2.900.000.000,00 e, na Europa, a Cr\$ 3.620.685.000,00, perfazendo um total de Cr\$ 6.520.685.000,00”. Lamentavelmente tais saldos e recursos não foram aplicados da melhor forma visto a situação econômica do país.

Os primeiros perderam-se, em parte, na aquisição de quinquilharias e artigos de luxo e elegância, como automóveis, geladeiras, rádios, etc, que só serviu para emprestar ao povo uma sensação aparente de conforto, bem-estar e prosperidade que, na realidade, apenas bafejou os mais aquinhoados pela sorte, criando uma verdadeira casta de novos ricos no seio da sociedade, que muito contribuiu para despertar as camadas inferiores para aventuras nem sempre compatíveis com suas possibilidades e formação. (BRANCO, 1960, p.570).

Conforme Branco (1960), os saldos oriundos da Europa também não tiveram um destino diferente, dos quais Cr\$2.810.000.000,00 ficaram congelados em Londres o que gerou a ida do então Ministro das Relações Exteriores João Neves da Fontoura em uma missão especial que resultou na assinatura de um acordo que, imediatamente, sofreu diversas críticas,

dentre elas a de utilizar tais saldos para aquisição de equipamentos e regularização da situação financeira de empresas britânicas no Brasil.

A despeito de todos os contratemplos, o governo buscou estimular e criar um parque industrial capaz de acelerar o desenvolvimento do Brasil.

2.4.3 Consequências militares

Mesmo a participação do Brasil sendo considerada modesta frente a toda a guerra, as Forças Armadas do Brasil sofreram ainda assim com as influências da Segunda Grande Guerra.

Os militares, por sua vez, já gozavam de certo destaque em meio a sociedade brasileira devido a sua participação na formação da nacionalidade, com a segunda guerra mundial, tal prestígio se realçou ainda mais e reafirmou perante a nação devido as conquistas obtidas em confronto aos melhores soldados de então.

Durante a guerra, as Forças Armadas se desenvolveram e se modernizaram e também sofreram o conseqüente aumento de efetivo. Ao fim do conflito, tal efetivo foi, gradativamente, sofrendo cortes, principalmente nas praças, visto que não havia mais necessidade frente ao único objetivo de então que era a segurança nacional apenas. O efetivo dos oficiais, por sua vez, aumentou devido as reformas de base, que tinham por objetivo dar uma maior organização as Forças.

A respeito dos materiais, a renovação foi evidente, os armamentos e equipamentos, quase em sua totalidade, substituídos por novos tipos, como submarinos, aviões de caça e bombardeio, carros de combate, canhões anticarros e antiaéreo, radares, sonares entre outros.

A motorização predominou nas três forças, particularmente no Exército, que viu a tração animal e os velhos transportes substituídos por viaturas automóveis de todos os tipos. A própria cavalaria sofreu duramente esta influência, surgindo ao lado das unidades a cavalo, as mecanizadas e blindadas, culminando as reformas, no Exército, com a motorização das unidades de Infantaria, a criação de uma Divisão Blindada e um Núcleo de Divisão Aeroterrestre. (BRANCO, 1960, p. 575).

As Forças Armadas lutaram, por muito tempo, em prol de uma modernização de seus materiais e equipamentos, o que foi alcançado com a eclosão da segunda guerra mundial. Após 74 anos depois do fim do conflito, contudo, as forças armadas veem seus equipamentos mais uma vez defasado em relação as grandes potências ora envolvidas na segunda guerra mundial. Segundo Alves (1960), p. 575 “Não é por falta de uma mentalidade que defenda os

seus interesses, nem por incúria dos seus responsáveis que chegaram a esta situação de pobreza mas, sim, devido à ausência de ameaças latentes, que as forcem a um contínuo rearmamento”.

Até mesmo os uniformes utilizados pelo Exército Brasileiro sofreram alterações. Foi, parcialmente, abolido o uso do talabarte, das botas, das esporas, e do boné armado, surgiram, por sua vez, uniformes mais adequados ao clima e a prática dos exercícios em campanha, inspirados nos modelos norte-americanos.

Já a respeito das doutrinas de emprego, ficou latente que o Exército Brasileiro abandonou os velhos conceitos franceses e adotou o modelo norte-americano que, acompanhado da FEB, combateram as forças do Eixo.

3. REFERENCIAL METODOLÓGICO

3.1. TIPO DE PESQUISA

A pesquisa será realizada utilizando-se uma metodologia bibliográfica, em que serão realizadas leituras referentes ao tema, as quais serão feitos fichamentos das mesmas, sem, contudo, apresentá-lo no TCC.

Dessa forma, foram realizados os seguintes procedimentos: apresentação de uma pesquisa bibliográfica relacionada ao tema com base em, artigos e livros já publicados sobre o assunto, utilizando-se para tanto banco de dados eletrônico, procedendo-se com um levantamento de dados da pesquisa bibliográfica relacionado ao tema.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente que as duas grandes guerras provocaram não só no Brasil, mas no mundo, mudanças significativas em diversas áreas da sociedade como também nas fileiras das Forças Armadas.

O Brasil, por sua vez, viu-se obrigado a buscar uma reestruturação das Forças Armadas, em especial do Exército. Alterações e modernizações foram feitas desde a nova doutrina empregada, até novos materiais e equipamentos adquiridos e utilizados visando fazer frente as nações do Eixo, essas muito bem preparadas e equipadas para a guerra.

Devido ao fracasso de uma, até então, derrotada França, o Brasil encontrou a necessidade de abandonar o modelo de doutrina baseado no francês e aproximou-se da doutrina norte-americana. Com isso também, atualizou e substituiu seus armamentos e equipamentos pelos americanos

A artilharia do Exército Brasileiro teve que se adestrar, preparar e aprender a trabalhar com os novos obuseiros americanos e teve, como resultado, o inegável sucesso nas campanhas da Itália, sendo considerada pelos aliados e até pelas forças do Eixo como uma das maiores responsáveis pelas baixas nas fileiras inimigas.

Com a derrota do inimigo, o cenário do pós-guerra apresentou ao Brasil diversos desafios: lutar contra a hipocrisia de um governo ditatorial, receber os seus heróis vindos do contexto da guerra, reintroduzi-los no cenário nacional e administrar os proventos proporcionados pela guerra.

Um novo desafio se apresenta, a luta pelo não esquecimento daqueles que arriscaram suas vidas vingando as mortes de brasileiros e lutando pela nossa nação deve ser constante. Tais feitos devem, não só serem registrados em livros, mas também no ideário nacional para que a vida daqueles que tombaram em batalha não tenha sido em vão e para que a nação tenha a certeza de que quando necessário for, a cobra voltará a fumar.

REFERÊNCIAS

THOMAZ, Carlos Rocha. **Os ensinamentos da participação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na II Guerra Mundial: A atuação da Artilharia de Campanha da 1ª DIE – um aprendizado.** 195p. Dissertação (Mestrado em Ciências Militares) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2006.

VILELA, Túlio. **Brasil na Segunda Guerra - surge a FEB: Dificuldades para criar uma força expedicionária.** Disponível em: <www.educacao.uol.com.br>. Acesso em: 26 maio 2019.

ALVES, Portella. **Seis séculos de artilharia: A história da arma dos fogos largos, poderosos e profundos.** Biblioteca do Exército – editora, 1959.

BRANCO, Manoel Thomaz Castello, **O Brasil na II grande guerra.** Biblioteca do Exército – editora, 1960.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: O breve século XX.** São Paulo: Companhia das Letras – editora, 1995.

Brasil na Segunda Guerra – Monte Castelo – Vitória. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/brasil-na-segunda-guerra---monte-castelo-vitoria-volta-da-feb-e-fim-do-estado-novo.htm>>. Acesso em: 26 maio 2019.

BATISMO DE FOGO DA FEB: Operações no vale do rio Serchio, Disponível em: <http://www.eb.mil.br/web/imprensa/resenha/-/journal_content/56/18107/6173016?refererPlid=18115#.XmjPguhKjIW>. Acesso em: 20 maio 2019.

Brasil na Segunda Guerra – FEB na Itália – Brasileiros receberam treinamento intensivo. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/brasil-na-segunda-guerra---feb-na-italia-brasileiros-receberam-treinamento-intensivo.htm>>. Acesso em: 11 maio 2019.

Brasil na Segunda Guerra Mundial. Disponível em:
<<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/brasil-segunda-guerra.htm>>. Acesso em: 20 mar
2019